

Expressões idiomáticas Português- Libras: (in)traduzibilidade Portuguese-Brazilian Sign Language Idiomatic Expressions: (Un)translatability

Bruno Alexandre Scapolan *

Igor Antônio Lourenço da Silva **

Resumo: Este artigo aborda a (in)traduzibilidade das Expressões Idiomáticas entre a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais (Libras). O objetivo é, por meio de um estudo exploratório, discutir as equivalências tradutórias entre essas expressões nas duas línguas, analisando a literatura existente e as definições de profissionais envolvidos com a Libras em um *corpus* de quatro vídeos *on-line*. A metodologia utilizada incluiu a análise de conteúdo dos vídeos, a identificação da convergência ou divergência entre as definições de Expressões Idiomáticas nos vídeos e na literatura, bem como a análise das possíveis equivalências tradutórias. Os resultados revelam uma preocupação com a correspondência formal entre textos fonte e alvo nas explicações dos vídeos, ao mesmo tempo que os exemplos fornecidos apontam para soluções adequadas que dispensam essa correspondência.

Palavras-chave: Expressões Idiomáticas; Equivalência; Tradução; Português-Libras.

Abstract: This article addresses the (un)translatability of Idioms between Portuguese and Brazilian Sign Language (Libras). Building on an exploratory study, the objective is to discuss translation equivalence between Idiomatic Expressions in both languages by analyzing the existing literature and the definitions provided by professionals involved with Libras in a corpus of four internet videos. The methodology included content analysis of the videos, identification of convergence or divergence between the definitions of idiomatic expressions in the videos and in the literature, as well as analysis of possible translation equivalences. The results point to a concern with formal correspondence between source and target texts in the video explanations, while the

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Federal de Uberlândia. Tradutor/Intérprete da Língua Brasileira de Sinais. Docente de Língua Brasileira de Sinais à

* Professor adjunto na Universidade Federal de Uberlândia. Tradutor e Revisor Inglês-Português. Pesquisa desenvolvida com financiamento da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) - projeto APQ-02483-18.

examples provided point to adequate solutions that dispense with such correspondence.

Keywords: Idiomatic Expressions; Equivalence; Translation; Portuguese-Brazilian Sign Language.

Introdução

As Expressões Idiomáticas (Els) desempenham um papel crucial na comunicação cotidiana, conferindo cor, vivacidade e nuances culturais às línguas. No entanto, a tradução das Els apresenta desafios significativos, especialmente quando se trata de línguas em modalidades distintas, como a Língua Portuguesa (LP), vocal-auditiva, e a Língua Brasileira de Sinais (Libras), gestual-espacial (RODRIGUES 2018).

No senso comum, quando se alega que é impossível traduzir Els, o que se tem geralmente é uma ideia de que: (i) uma El na língua-fonte (LF) deve ser traduzida como uma El na língua-alvo (LA); (ii) as palavras de conteúdo das Els são “equivalentes” nas duas línguas; e (iii) os níveis de opacidade das Els - *i.e.*, o significado da El não pode ser apreendido de uma compreensão isolada de cada um de seus constituintes - são equivalentes em ambas as línguas. Essa perspectiva pode ser associada à noção de que tradução implica estabelecer “equivalência textual” por meio de “correspondência formal” no nível da El e no nível de cada um dos seus constituintes, requerendo uma tradução palavra por palavra (CATFORD 1965). De fato, satisfazer a esses três critérios simultaneamente tende a implicar a intraduzibilidade de Els. Contudo, a (in)traduzibilidade pode ser considerada como questão de grau, e não uma questão absoluta.

Nesse contexto, este artigo, por meio de um estudo exploratório, discute a ideia de (in)traduzibilidade de Els entre LP e Libras a partir de como ela é evocada em canais do YouTube gerenciados por professores, tradutores e/ou intérpretes de Libras e LP. Por meio da análise de conteúdo de quatro canais, examina-se como esses profissionais conceituam as Els, como definem as equivalências tradutórias entre as línguas e se o aspecto da idiomaticidade também é encontrado na LA. Os resultados da análise de conteúdo são contrastados com a literatura pertinente sobre Els - até o momento, focada em

línguas orais - e sobre equivalência textual e correspondência formal (CATFORD 1965).

Este artigo está dividido em três seções, além desta Introdução e das Considerações Finais. Na seção 1, apresenta-se a revisão da literatura. Na seção 2, descreve-se a metodologia da pesquisa. Na seção 3, analisam-se os dados e discutem-se os resultados. Por fim, apresentam-se as considerações, acompanhadas das limitações deste estudo e sugestões para pesquisas futuras.

1. Revisão da Literatura

As Els são recursos linguísticos que tornam conceitos abstratos mais compreensíveis por meio de analogias e modos de falar populares (HOBBS 1979; ROBERTS 1994). A interpretação de Els não é uma função compositiva de seus elementos (FRASER 1970), ou seja, seu significado, que é opaco (não transparente), não pode ser deduzido literalmente (LEWIS 1993). Em outras palavras, as Els são aquelas que possuem um significado não previsível e não podem ser compreendidas apenas pela combinação dos significados literais de suas palavras componentes.

Não há uma definição consensual na literatura, mas as Els podem ser entendidas, *grosso modo*, como unidades lexicais complexas (plurilexicais), não composicionais e marcadas culturalmente (XATARA 1998; LAMA e ABREU 2001; CASADEI 1994, 1995, 1996). Podem surgir de contextos específicos, herança cultural ou influência de outras línguas (PASIN 2021). Em geral, as Els mais antigas são mais cristalizadas em sua forma, enquanto expressões mais recentes permitem maior flexibilidade e variedade de uso (CUTLER 1982).

As características das Els divergem conforme as propostas de diferentes autores. Contudo, tendem a convergir os seguintes critérios:

- a) Institucionalização: as Els são parte da gramática da língua, não apenas palavras isoladas, pertencendo, pois, a uma comunidade linguística (LANGLOTZ 2006);
- b) Convencionalidade: as Els são consideradas convencionais, o que implica que seu significado não pode ser previsto a partir do

significado literal de suas palavras componentes (NUNBERG, SAG e WASOW 1994);

- c) Polilexicalidade/complexidade: as Els são compostas por duas ou mais palavras ou constituintes lexicais (MOON 1998; INZERILLO 2011);
- d) Composicionalidade: as Els têm uma estrutura fixa em termos de palavras selecionadas e não podem ser modificadas em termos de restrições lexicais e morfossintáticas; logo, substituir ou modificar palavras de Els pode alterar seu significado figurado (LANGLOTZ 2006);
- e) Inflexibilidade: as Els são restritas a certas construções sintáticas e não podem ser facilmente modificadas ou transformadas em outras formas gramaticais, como voz passiva ou plural (NUNBERG, SAG e WASOW 1994).

A literatura também é divergente quanto à classificação das Els. Por exemplo, Makkai (1972) faz a seguinte distinção:

- Els de codificação: expressões com uma relação relativamente transparente entre o significado literal e o idiomático, exigindo conhecimento pragmático para seu uso adequado;
- Els de decodificação: expressões sem um significado perceptível com base nas palavras e na gramática, exigindo conhecimento cultural e contextual para compreensão.

Já Casadei (1994) propõe:

- Els analisáveis: são diagramáticas, ou seja, há uma relação perceptível entre os constituintes da expressão e seu significado idiomático, embora conhecimentos extras sejam necessários;
- Els holísticas: são aquelas em que a relação não é diretamente perceptível, demandando uma reinterpretação baseada em outros princípios, como o contexto ou formas de uso.

Contudo, as propostas de classificação das Els são heterogêneas e não há critérios precisos e consensuais para definir essas expressões. Cada autor realiza sua própria categorização, levando em consideração diferentes aspectos linguísticos, como semântica, sintaxe, pragmática, morfologia e léxico.

Em se tratando da compreensão das Els, citam-se as seguintes hipóteses:

- Hipótese da lista de Els (*idiom list hypothesis*): sugere a existência de uma lista mental separada para as Els, que são processadas de forma diferente das palavras com significado literal (BOBROW e BELL 1973);
- Hipótese da lexicalização (*lexicalization hypothesis*): sugere que as Els são armazenadas como “palavras longas” na mesma lista mental que as palavras com significado literal; a compreensão inicial de uma EI depende da velocidade do processamento linguístico e da familiaridade da expressão (SWINNEY e CUTLER 1979);
- Hipótese do acesso direto (*direct access hypothesis*): sugere que as pessoas podem contornar completamente o significado literal e acessar diretamente o significado idiomático de uma EI altamente convencional e familiar (GIBBS 1984);
- Hipótese composicional (*compositional hypothesis*): sugere que as Els possuem um grau de composicionalidade, sendo parcialmente decomponíveis e analisáveis (NUNBERG, SAG e WASOW 1994; CACCIARI e TABOSSI 1988).

Em se tratando das línguas de sinais, compete apontar o papel da sua iconicidade e suas unidades básicas de significado para o entendimento das Els.

A iconicidade é a capacidade da Libras, e de outras línguas de sinais, de representar conceitos e ideias de forma visual e gestual (CORREA 2007). Está relacionada ao fato de que a formação dos sinais segue um processo de mapeamento icônico, baseado na seleção arbitrária de características físicas do evento, ação ou objeto descrito (CORAZZA e VOLTERRA 1988; STROBEL e FERNANDES 1998). Em outras palavras, a Libras se aproveita dos estímulos visuais e gestuais que a linguagem no modo visual oferece, explorando o uso do espaço e das dimensões para transmitir mecanismos linguísticos e semânticos (QUADROS e KARNOPP 2004; BOYES-BRAEM 1981). Embora não tenham sido encontradas referências sobre as Els nessas línguas, depreende-se que a realização de EI em Libras incorpora, em certa medida, a iconicidade, o que pode ter maior ou menor impacto no seu nível de opacidade ou transparência.

Por sua vez, na Libras, as unidades básicas de significado são chamadas de sinais, que são formados pela combinação de parâmetros: configuração de

mãos, ponto de articulação, movimento, orientação e expressão facial e corporal. Os sinais podem ter variações semânticas, e a ordem das palavras em uma sentença, em geral, pode variar sem necessariamente afetar o sentido geral da mensagem (FELIPE 1997). Nesse aspecto, surge uma dificuldade de se estabelecer o que seria uma EI em língua de sinais do ponto de vista da polilexicalidade, uma vez que não há uma relação direta entre o sinal e a palavra (tal qual definida para as línguas orais), sendo possível, por exemplo, que uma EI em Libras tenha, na verdade, um único sinal como constituinte, mas diferentes combinações de parâmetros. Essa problemática não é resolvida na presente pesquisa, mas se compreende aqui mais um elemento que contribui para a suposta (in)traduzibilidade entre EIs da LP e da Libras.

Conforme mencionado na Introdução, a (in)traduzibilidade das EIs é um argumento que se pauta numa compreensão equivocada da noção de “equivalência”, questão bastante discutida nas abordagens linguísticas da tradução (e.g., DA SILVA 2012). Um dos autores seminais nesse aspecto é Catford (1965), que distingue entre equivalência textual e correspondência formal.

A equivalência textual se dá quando uma porção de texto na LA é empiricamente considerado como a tradução de outra porção de texto na LF. Trata-se de um fenômeno empírico que se pode identificar a partir da própria atribuição social de que um texto (ou porção de texto) está em relação de tradução com um outro.

Por sua vez, a correspondência formal corresponde a “qualquer categoria da LA (unidade, classe, estrutura, elemento de estrutura etc.) que se pode dizer que ocupa, o máximo possível, na ‘economia’ da LA, o ‘mesmo’ lugar ocupado pela categoria ocupada na LF”¹ (CATFORD 1965:27). O termo “economia” implica que a correspondência formal só pode ser aproximada em razão das especificidades léxico-gramaticais de cada língua. Já o termo “categoria” aponta que a equivalência textual pode “subir” ou “descer”, da LF para a LA, entre as unidades léxico-gramaticais em que cada língua opera (e.g., na ordem da frase ao morfema; na classe dos adjetivos, verbos etc.).

¹ Tradução dos autores para: “Any TL category (unit, class, structure, element of structure, etc.) which can be said to occupy, as nearly as possible, the ‘same’ place in the ‘economy’ of the TL as the given SL category occupies in the SL.”

Considerando os aspectos sintagmáticos, a tradução pode ser completa (*i.e.*, toda e qualquer porção do texto-fonte é substituída por material textual na LA) ou parcial (*i.e.*, alguma parte do texto na LF é “implantada” na LA sem qualquer alteração na LF) (CATFORD 1965). Considerando a hierarquia gramatical ou fonológica, a tradução pode ser restrita à ordem (*rank*) - *i.e.*, os equivalentes textuais se dão na mesma ordem (do morfema, da palavra, do grupo, da oração etc.) - ou irrestrita - *i.e.*, os equivalentes textuais “sobem” ou “descem” livremente na escala de ordem (CATFORD 1965). É numa concepção de tradução restrita à ordem que se ancora a ideia do senso comum de intraduzibilidade das Els: assim, traduzir implicaria “substituir” uma EI por outra EI e, não bastasse isso, ter os constituintes da EI na LA ocupando, na economia da língua, a mesma categoria que ocupam na LF. Em não havendo correspondência, encontram-se *shifts* (mudanças) (CATFORD 1965).

Portanto, estabelecer correspondência formal entre o texto-fonte e sua tradução é um processo complexo, devido às diferenças entre os sistemas linguísticos envolvidos. No entanto, é possível encontrar equivalências textuais em um nível superior, mesmo que não haja correspondência formal em um determinado nível. O próprio Catford (1965:25-26) aponta que a tradução de Els seria um exemplo de tradução irrestrita, e não de tradução restrita à ordem.

Catford (1965) ainda distingue tradução “normal” de processos de “transferência”. Na tradução “normal”, o texto-alvo realiza significados da LA, *i.e.*, os “valores” dos itens da LA são aqueles estabelecidos pelas relações formais e contextuais na própria LA. Já na tradução por “transferência”, esses valores dos itens atravessam de uma língua para a outra. É o que ocorre, por exemplo, na datilologia, que implica transferência de léxico, tradução gramatical (*e.g.*, substantivo por substantivo) e tradução fonológica (*e.g.*, representam-se em Libras os sons da LP).

A tradução de Els é uma tarefa desafiadora devido à complexidade de encontrar equivalências de significado e frequência entre a LF e a LA. Os problemas enfrentados pelos tradutores ao lidar com as Els incluem dificuldade de reconhecimento, ausência de equivalentes na LA, existência de equivalentes utilizados em contextos diferentes, ambiguidade entre sentido literal e

idiomático, bem como diferenças de convenção, contexto e frequência de uso nas LF e LA.

Diversos autores propõem abordagens e metodologias para lidar com esses desafios, apontando que dificilmente se pode recorrer à tradução literal (NEWMARK 1988). Algumas estratégias comumente utilizadas, conforme Baker (1992), são:

- Tradução aproximada: consiste em encontrar uma EI na LA que transmita aproximadamente o significado da EI na LF, preferencialmente com itens lexicais equivalentes;
- Tradução por equivalência de significado: consiste em encontrar uma EI na LA que transmita o significado da EI na LF, mesmo que os itens lexicais sejam diferentes;
- Tradução por paráfrase: consiste em reescrever a expressão em termos não idiomáticos, mas que remetam ao significado do texto-fonte; e
- Tradução com omissão: consiste em não retextualizar a EI (nem formal, nem semanticamente) quando não há uma correspondência adequada na LA, quando a paráfrase não é viável ou quando há motivos estilísticos.

Estabelecido o referencial teórico sobre o qual se alicerçou esta pesquisa, procede-se, na próxima seção, à descrição da metodologia.

2. Percurso metodológico

A metodologia de coleta de dados envolveu a construção de um *corpus* de vídeos do YouTube, selecionados, no período de março a junho de 2022, com base em critérios específicos. A seleção dos vídeos - delimitada em quatro exemplares de aproximadamente 5 minutos - foi realizada com o objetivo de incluir aqueles que apresentassem a impossibilidade de tradução de uma língua para outra ou que admitissem a possibilidade de tradução, ainda que apenas para algumas situações ou circunstâncias. Com vistas a uma análise mais ampla e completa do fenômeno em questão, também se buscou que os vídeos

pudessem, de alguma forma, ser inter-relacionados, ao mesmo tempo que discorressem sobre diferentes tipos de Els.

Os vídeos foram encontrados por meio de buscas na internet por canais que abordassem o tema das Els. Os vídeos selecionados foram produzidos por diferentes autores e disponibilizados em diferentes canais: “As Meninas da Libras”, “Alexandre Elias - Libras”, “Instituto Phala” e “Daniele Miki”. Cada autor apresenta diferentes experiências, especializações e objetivos relacionados à difusão da Libras, educação de surdos e/ou tradução/interpretação de Libras para LP.

Adotou-se uma abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, utilizando a análise de conteúdo como técnica interpretativa. Após a pré-análise do material na própria fase de coleta, seguiram-se duas fases da análise de conteúdo: exploração do material e tratamento dos resultados (Bardin 1977). A análise buscou verificar se as definições de Els nos vídeos estavam de acordo com a literatura e como eram delimitadas as equivalências tradutórias.

Conforme afirmam Silva e Fossá (2015: 3):

A análise de conteúdo, atualmente, pode ser definida como um conjunto de instrumentos metodológicos, em constante aperfeiçoamento, que se presta a analisar diferentes fontes de conteúdos (verbais ou não verbais). Quanto à interpretação, a análise de conteúdo transita entre dois polos: o rigor da objetividade e a fecundidade da subjetividade. É uma técnica refinada, que exige do pesquisador, disciplina, dedicação, paciência e tempo. Faz-se necessário também, certo grau de intuição, imaginação e criatividade, sobretudo na definição das categorias de análise. Jamais esquecendo [*sic*] do rigor e da ética, que são fatores essenciais.

Na exploração do material, foi realizada a “leitura” flutuante dos vídeos, identificando as unidades de registro que envolvem a temática das Els e anotando as primeiras impressões a respeito. Por fim, na fase de tratamento dos resultados, foi realizada a categorização das unidades de registro, de acordo com as categorias previamente definidas na exploração do material.

A partir da análise desses materiais, foi possível identificar exemplos de Els específicas da LP e sua equivalência tradutória com a Libras, bem como algumas Els originárias da Libras. Essa análise contribuiu para o esclarecimento

dos conceitos apresentados nos vídeos e para a compreensão das Els e da noção de (in)traduzibilidade dessas expressões entre as duas línguas em questão.

Além disso, a análise realizada confrontou os resultados obtidos com os aspectos de tradução apresentados por Catford (1965) e Baker (1992), a fim de avaliar as possibilidades de equivalências e mudanças (*shifts*) entre as Els nas línguas em questão. Em se tratando de Catford (1965), cumpre observar que o exercício de análise das correspondências formais serviu ao propósito de discutir a (in)traduzibilidade, mas se tem ciência de que o próprio autor sugere que a tradução de Els é um caso de tradução irrestrita.

A próxima seção apresenta a análise dos dados e discussão dos resultados.

3. Análise e discussão

Esta seção apresenta os resultados da análise de conteúdo realizada nos quatro vídeos selecionados, com o objetivo de examinar os conceitos das Els em LP e Libras e discutir a (in)traduzibilidade dessas expressões entre as duas línguas. Por limitações de espaço, apresentam-se alguns exemplos apenas, sendo possível encontrar a análise dos vídeos na íntegra em Scapolan (2023).

O Quadro 1 apresenta, de forma resumida, a descrição de cada um dos vídeos e seus eixos temáticos.

Quadro 1: Descrição e conceitos temáticos

Descrição	Conceitos temáticos
Vídeo 1 - As Meninas da Libras Conceito de Els e exemplos em LP e Libras https://www.youtube.com/watch?v=AdQkow2Klz0	São traços culturais específicos de cada língua e estão enraizados em grupos e regiões.
Vídeo 2 - Professor Alexandre Elias - Libras Conceito de Els com exemplos de tradução de LP para Libras https://youtu.be/N_QW5KPAUfE?si=XtEv_BCSL7Tpluds	São particularidades linguísticas de cada país com estruturas próprias que não permitem uma tradução palavra por palavra.
Vídeo 3 - Instituto Phala Conceito de Els com exemplos de tradução de LP para Libras https://www.youtube.com/watch?v=PKATW0EQGPY&t=69s	São algumas expressões muito utilizadas em LP e que <i>nem sempre</i> fazem sentido se forem traduzidas palavra por palavra para a Libras.
Vídeo 4 - Daniele Miki Conceito de Els e exemplos de equivalência entre LP e Libras https://youtu.be/vH_gs50YZxw?si=cepYmQwyRw9f-cUB	São palavras que possuem outro significado, tanto em LP como em Libras, e nem sempre encontrarão equivalência precisa.

Fonte: os autores.

O vídeo 1 aborda a existência de Els em Libras e a questão da (in)traduzibilidade dessas expressões entre a Libras e a LP. Explica que as Els são traços culturais específicos de cada língua e estão enraizadas em grupos e regiões. Destaca que uma El não pode ser traduzida para Libras ou LP palavra por palavra, pois isso resultaria em perda de significado; é necessário conhecê-la em seu contexto para compreender seu significado. Trata-se de uma perspectiva que ecoa autores como Lama e Abreu (2001), Newmark (1998), Pasin (2021) e Xatara (1998), que enfatizam a importância de considerar o contexto cultural, a gramática e as nuances linguísticas ao traduzir as Els.

O vídeo também apresenta exemplos de Els e suas traduções entre Libras e LP. Em um dos exemplos, a El em LP “lavagem de roupa suja” é traduzida em Libras como “resolver uma diferença com alguém”. A El em LP é, segundo Casadei (1994), holística e, segundo Makkai (1972), de decodificação, ou seja, o seu significado não é perceptível com base apenas nas palavras e na gramática. Por sua vez, a proposta de tradução em Libras é, nos termos de Catford (1965), uma tradução irrestrita, pois não só não captura a

idiomaticidade da EI em LP (*i.e.*, não é uma EI), como também apresenta um texto-alvo na ordem da oração como equivalente ao texto-fonte na ordem do grupo nominal. Nos termos de Baker (1992), trata-se de uma tradução por paráfrase.

Em um segundo exemplo, tem-se a EI holística (CASADEI 1994) e de decodificação (MAKKAI 1972) em LP “Ah! Vai tomar banho!”, traduzida em Libras como uma oração interrogativa: “Por que você não vai procurar fazer qualquer outra coisa?”. Novamente, tem-se uma tradução irrestrita em que a mudança (*shift*) ocorre no modo (de imperativo para interrogativo) e na idiomaticidade (de opaco para transparente). Nos termos de Baker (1992), trata-se de uma tradução por paráfrase.

Em um terceiro exemplo, tem-se a EI “profissional mãos leves” em Libras - a qual traz iconicidade associada a uma parte do corpo humano -, traduzida pelas moderadoras como “profissional fluente” em LP. Note-se que, nesse caso, uma tradução restrita à ordem para a LP fornece como resultado outro significado, o de que alguém que furta. Portanto, a tradução irrestrita (CATFORD 1965), por paráfrase (BAKER 1992), consiste em um único adjetivo, “fluente”, cujo significado é transparente.

O vídeo 2 discute a tradução das EIs da LP para a Libras. Enfatiza que as diferenças linguísticas entre as línguas e as culturas em que estão inseridas requerem adaptações na tradução para garantir a compreensão das mensagens das EIs na LA. No caso, a tradução palavra por palavra pode levar a equívocos e muitas vezes as expressões resultantes da tradução das EIs em LP não são EIs em Libras. Trata-se de uma perspectiva que também coaduna com Newmark (1998), Pasin (2021), Lama e Abreu (2001) e Xatara (1998).

No exemplo “pintando o sete”, que consiste em uma EI holística (CASADEI 1994) e de decodificação (MAKKAI 1972) em LP, o vídeo 2 sugere a tradução irrestrita (CATFORD 1965) por paráfrase (BAKER 1992) “fazendo muita bagunça”. Aqui, cabe sublinhar que essa tradução pode ser feita, em Libras, por meio de um único sinal, como “brincar” ou “bagunçar”. Isso porque o sinal em Libras pode incorporar vários aspectos da informação, como o verbo, o substantivo e o advérbio de intensidade “muito”, através da expressão facial e da configuração das mãos. Por exemplo, no caso de “brincar”, tem-se a

configuração das mãos em “Y” num movimento circular, no espaço neutro em frente ao tronco, com a expressão facial indicando movimento e intensidade (*i.e.*, “fazendo muito”). Já “bagunçar” possui a configuração das mãos abertas num movimento circular em frente ao tronco e a expressão facial mostrando intensidade (*i.e.*, “muito”). O verbo “fazendo” e o substantivo “bagunça” estão presentes no sinal “bagunçar” em Libras.

Em outras palavras, a Libras é marcada pela simultaneidade, ou seja, a informação é transmitida de forma não linear e não sequencial. Isso significa que um único sinal pode conter informações que, em LP, seriam transmitidas linear e sequencialmente por meio de diversas palavras, algumas de conteúdo e outras gramaticais. Esse aspecto realça a necessidade de se investigar como se configura a plurilexicalidade em Libras (CASADEI 1994, 1995, 1996).

O vídeo 3 destaca que é importante entender a mensagem geral da EI e transmiti-la na tradução, mesmo que isso signifique usar na LA palavras ou estruturas que não constituem correspondentes formais da LF. Além disso, o vídeo enfatiza a importância do contexto cultural na compreensão e tradução das EIs, destacando que muitas vezes essas expressões estão enraizadas em tradições e costumes específicos de uma cultura. Novamente, há convergência na fala com autores como Newmark (1998), Pasin (2021), Lama e Abreu (2001) e Xatara (1998).

No exemplo da EI holística (CASADEI 1994) e de decodificação (MAKKAI 1972) “as paredes têm ouvidos”, o vídeo 3 demonstra como pode ser desafiador encontrar uma correspondência direta entre os sinais em Libras e as palavras em LP. Nesse caso, fornece-se uma tradução irrestrita (CATFORD 1965) por paráfrase (BAKER 1992), a qual é mais explicativa: “<CUIDADO>”, “<FALAR>”, “<PESSOA>”, “<PERCEBER>” e “<FOFOCAR>”. Essa tradução envolve uma mudança (*shift*) (CATFORD 1965) na estrutura da expressão, especialmente pelo uso do sinal de “<CUIDADO>”, que, no modo imperativo, expressa explicitamente que se trata de uma sugestão ou algo a ser seguido.

O vídeo 3 demonstra ainda que a ideia de uma “tradução total” (CATFORD 1965) é ilusória, pois é quase impossível substituir todas as palavras, estruturas e significados de uma língua por correspondentes formais em outra língua. Mesmo quando há correspondências formais, ainda podem existir diferenças nos

níveis lexical, gramatical e semântico devido às diferenças tipológicas entre as línguas e aos aspectos situacionais e culturais que influenciam o uso e o significado das Els. Além disso, a frequência de uso das Els em uma língua também desempenha um papel importante na equivalência entre as línguas (NEWMARK 1988).

Por fim, o vídeo 4 diz que as línguas de sinais, assim como as línguas orais, também possuem suas próprias Els, algumas das quais podem ser traduzidas de forma mais literal, enquanto outras não possuem uma El equivalente e demandam uma tradução aproximada. Informa que a compreensão das Els tanto na LP quanto na Libras requer um conhecimento prévio da cultura, do contexto e dos elementos linguísticos que as compõem. Aponta que as Els da LP são conhecidas e utilizadas pela sociedade em geral e, quando traduzidas para outra língua, podem causar estranheza devido a algumas dificuldades no processo tradutório. Novamente, há convergência na fala com autores como Newmark (1998), Pasin (2021), Lama e Abreu (2001) e Xatara (1998).

O vídeo 4 é o único que apresenta exemplos de Els contextualizadas em frases e destaca que o contexto é relevante para as escolhas tradutórias. Também menciona que algumas Els da LP são traduzidas de forma mais literal na Libras quando seus termos têm equivalentes em ambas as línguas. Essas Els podem ser consideradas empréstimos linguísticos da LP para a Libras, influenciadas pela cultura hegemônica e pela sociedade ouvinte no Brasil. O vídeo apresenta quatro exemplos de Els holísticas (CASADEI 1994) e de decodificação (MAKKAI 1972) em LP com as respectivas traduções em Libras.

Para a El “cair a máscara”, o vídeo 4 oferece uma tradução palavra por palavra em Libras, usando sinais que representam a ideia de uma máscara caindo ou sendo retirada do rosto. Para a El “com a corda no pescoço”, fornece uma tradução palavra por palavra utilizando sinais que representam uma corda no pescoço. Embora os sinais utilizados sejam interpretados de forma literal, eles ainda transmitem a ideia figurativa ou metafórica das expressões. Nesse caso, tem-se uma tradução aproximada (BAKER 1992) restrita à ordem (CATFORD 1965).

Para a EI “mão de vaca”, o vídeo 4 apresenta como tradução aproximada (BAKER 1992) irrestrita (CATFORD 1965) a configuração da mão direita em “S” com a palma voltada para dentro fazendo o movimento de vaivém com firmeza, demonstrando que está bem fechada e, portanto, transmitindo a ideia de uma pessoa avarenta ou relutante em gastar dinheiro. Essa tradução consiste em um empréstimo oriundo da comunicação não verbal das pessoas ouvintes.

Sublinha-se que, mesmo que não haja uma correspondência formal com a LP, a expressão “mão de vaca” pode ser considerada uma EI em Libras. É composta por um único sinal, que é formado pela sinalização de uma “mão” que está “fechada”, ou seja, existe um único sinal que comporta dois componentes “mão” e “fechada”, e esse sinal possui um significado que remete à ideia de uma pessoa avarenta ou relutante em gastar dinheiro. Conforme Moon (1998) e Gibbs (1984), essa construção sintática é típica das EIs, que combinam palavras de forma não literal para criar um novo significado. Note-se, nesse caso, que ambas as expressões remetem a uma metáfora com o corpo humano e que há mais opacidade na expressão em LP, a qual remete a um animal, enquanto a EI em Libras apenas remete ao estado da mão.

Por último, para a EI “encher linguiça”, o vídeo 4 fornece a tradução para Libras “<FALAR>” + “<COMPRIDO>”. Observa-se que a tradução é restrita à ordem (CATFORD 1965), mas não se encaixa nas classificações de Baker (1992), na medida em que busca se fundamentar no sentido literal da expressão, e não em seu sentido figurado, não se configurando como uma EI por não possuir uma característica idiomática. Essa reflexão encontra respaldo em autores como Newmark (1988), que destaca a importância de se considerar a equivalência funcional entre as línguas e a impossibilidade de se realizar uma tradução literal de todas as EIs.

Percebe-se que a Libras incorpora aspectos culturais da LP e que os surdos expostos à LP e à cultura ouvinte podem fazer uso das EIs da LP na Libras. Essa transferência é mais comum entre os surdos bilíngues ou que possuem bom conhecimento da LP. O vídeo 4, inclusive, enfatiza que as EIs da Libras podem ser compreendidas tanto pelos surdos quanto pelos ouvintes que conhecem os sinais.

Em suma, no decorrer da análise dos quatro vídeos selecionados como *corpus* desta pesquisa, foi possível observar tratamento similar às EIs e às suas (im)possibilidades de tradução, demonstrando um entendimento sólido dessas expressões pelos criadores dos conteúdos e sua importância no contexto linguístico e cultural. No entanto, pelos resultados, observa-se que há também um esforço antagônico em “preservar” a “essência” e o “efeito comunicativo” das expressões, adaptando-as à LA.

Para estabelecer equivalência, os criadores dos conteúdos dos quatro vídeos recorrem a procedimentos que denominam de tradução literal, tradução palavra por palavra, tradução aproximada, adaptação, ajuste e explicação contextual, mas em nenhum momento explicitam seu entendimento desses termos. Também chama a atenção que apenas um dos vídeos concebe as EI em contexto, algo caro para qualquer tradutor.

Considerações finais

Este artigo investigou a definição de EIs na literatura e em um *corpus* constituído por quatro vídeos do YouTube. Também investigou as equivalências fornecidas para algumas EIs entre a LP e a Libras.

Os resultados indicaram que as EIs na Libras podem ser formadas por um único sinal e apresentam uma combinação complexa de elementos linguísticos e não linguísticos. Nesse aspecto, são necessárias futuras pesquisas para se debruçar sobre a plurilexicalidade em Libras (CASADEI 1994, 1995, 1996).

Conforme se observa pelos próprios exemplos fornecidos nos vídeos e à luz da literatura, a (in)traduzibilidade das EIs é uma questão de grau, e não uma questão absoluta, dependendo do contexto e das nuances culturais e interpessoais. Nesse sentido, as EIs são traduzíveis quando se “sobe” ou “desce” na escala de ordem. Ademais, como mostrou o exemplo de “mãos leves”, a mera correspondência formal entre os constituintes de uma EI não garante que o significado composicional seja equivalente entre as línguas.

Trata-se, contudo, de uma pesquisa limitada em escopo (apenas quatro vídeos), em abordagem metodológica (exploratória) e em fundamentação teórica (estudiosos de EIs em línguas orais). Recomenda-se, portanto, ampliar

esta pesquisa, incluindo mais Els, comparando diferentes línguas de sinais e estudando a compreensão e produção de Els pelos surdos. Sobretudo, recomenda-se que pesquisas futuras se debrucem sobre a plurilexicalidade em Libras e quiçá desmistifiquem a ideia de relação inequívoca entre sinal e palavra.

Os resultados desta pesquisa contribuem para o aprofundamento e a ampliação dos estudos linguísticos e tradutórios relacionados às Els, especialmente no que diz respeito aos chamados “correspondentes formais” e “equivalentes textuais”. Além disso, fornecem *insights* sobre como profissionais envolvidos com a Libras concebem a traduzibilidade dessas expressões e envidam esforços para obter idiomatismo na LA. Espera-se que, ao abordar essa temática pouco explorada, este estudo ajude a preencher uma lacuna na literatura e estimular o diálogo e o avanço dos estudos sobre a (in)traduzibilidade das Els entre línguas sinalizadas e línguas orais.

Referências

- BAKER, M. In *Other Words: A Coursebook on Translation*. London: Routledge, 1992. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203327579>
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BOBROW, S. A.; BELL, S. M. On Catching on to Idiomatic Expressions. *Memory & Cognition*, v. 1, n. 3: 343-346, 1973. DOI: <https://doi.org/10.3758/BF03198118>.
- BOYES-BRAEM, P. *Features of the Handshape in American Sign Language*. Berkeley: University of California, 1981.
- CACCIARI C.; TABOSSI P. The comprehension of idioms. *Journal of Memory and Language*, v. 27: 668-683, 1988. DOI: [https://doi.org/10.1016/0749-596X\(88\)90014-9](https://doi.org/10.1016/0749-596X(88)90014-9)
- CASADEI, F. La semantica delle espressioni idiomatiche. *SILTA*, v. 1: 61-81, 1994.
- CASADEI, F. Per una definizione di “espressione idiomatica” e una tipologia dell’idiomatico in italiano. *Lingua e Stile*, v. 30, n. 2: 335-358, 1995.
- CASADEI, F. *Metafore ed espressioni idiomatiche: uno studio semantico sull’italiano*. Roma: Bulzoni, 1996.
- CATFORD, J.C. *A Linguistic Theory of Translation*. Oxford: Oxford University, 1965.

- CORAZZA, S.; VOLTERRA, V. La comprensione di lingue dei segni straniere. In: DE MAURO, T.; GENSINI, T.; PIEMONTESE, M. E. (ed.). Dalla parte del ricevente: percezione, comprensione, interpretazione. Roma: Bulzoni, 1988: 73-82.
- CORREA, R.B.S. A complementaridade entre língua e gestos nas narrativas de sujeitos surdos. Florianópolis: UFSC, 2007.
- CUTLER, A. Idioms: The Colder, the Older. *Linguistic Inquiry*, v. 13: 317-20, 1982.
- DA SILVA, I. (Des)compactação de significados e esforço cognitivo no processo tradutório: um estudo da metáfora gramatical na construção do texto traduzido. 2012. 277 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- FELIPE, T. A. Introdução à gramática da Libras. In: FERREIRA-BRITO, L. et al. (org.). Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental: Língua Brasileira de Sinais. Brasília: MEC/SEESP, 1997. (Série Atualidades Pedagógicas).
- FRASER, B. Idioms Within a Transformational Grammar. *Foundation of Language*, v. 6, n. 1: 22-42, 1970.
- GIBBS, R. W. Literal Meaning and Psychological Theory. *Cognitive Science*, v. 8 : 275-304, 1984. DOI: https://doi.org/10.1207/s15516709cog0803_4
- HOBBS, J. R. Metaphor, Metaphor Schemata, and Selective Inferencing. Menlo Park: Artificial Intelligence Center, 1979.
- INZERILLO, V. Una caratteristica delle locuzioni idiomatiche complesse: la tridimensionalità semantico-temporale. 2011. 90 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg, Heidelberg, 2011.
- LAMA, E. C.; ABREU, A.S. A motivação metafórica das expressões idiomáticas na interface entre o português e o espanhol. *Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos*, n. 11: 53-66, 2001.
- LANGLOTZ, A. *Idiomatic Creativity: A Cognitive-Linguistic Model of Idiom-Representation and Idiom-Variation in English*. Amsterdam: John Benjamins, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1075/hcp.17>
- LEWIS, M. *The Lexical Approach*. Hove: Language Teaching Publication, 1993.
- MAKKAI, A. *Idiom Structure in English*. Berlin: De Gruyter Mouton, 1972. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110812671>
- MOON, R. *Fixed Expression and Idioms in English: A Corpus-Based Approach*. Oxford: Clarendon Press, 1998.
- NEWMARK, P. *A Textbook of Translation*. New York: Prentice Hall, 1988.

- NUNBERG, T.; SAG, I. A.; WASOW, T. Idioms. *Language*, v. 70, n. 3: 491-538, 1994. DOI: <https://doi.org/10.1353/lan.1994.0007>
- PASIN, G. *Expressioni idiomatiche: analisi di um corpus in LIS*. 2021. 157 f. Mestrado (Scienze del Linguaggio) - Università Ca'Foscari, Venezia, 2021.
- QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004. DOI: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i16.560>
- ROBERTS, H. M. *The Science of Idioms: A Method of Inquiry into the Cognitive Design of Language*. *Modern Language Association of America*, v. 68: 291-306, 1994. DOI: <https://doi.org/10.2307/458858>
- RODRIGUES, C. H. *Tradução e Língua de Sinais: a modalidade gestual-visual em destaque*. *Cadernos de Tradução*, v. 38, n. 2: 294-319, 2018.
- SCAPOLAN, B. A. *(In)traduzibilidade das Expressões Idiomáticas entre a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais: uma análise conceitual e funcional*. 2023. 113 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/38952/3/%28In%29traduzibilidadeExpressõesIdiomáticas.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2023.
- SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. *Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos*. *Qualit@s Revista Eletrônica*, Campina Grande, v. 16, n. 2: 1-14, 2015.
- STROBEL, K.; FERNANDES, S. *Aspectos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais*. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.
- SWINNEY, D.A.; CUTLER, A. *The Access and Processing of Idiomatic Expressions*. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, v. 18: 523-534, 1979. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0022-5371\(79\)90284-6](https://doi.org/10.1016/S0022-5371(79)90284-6)
- XATARA, C.M. *O campo minado das expressões idiomáticas*. *Alfa - Revista de Linguística*, São Paulo, v. 42, n. esp: 147-159, 1998.